

DN 3.5.66

FLU - março 77

RN 55

24.4.69

Telepatia

RUBEM BRAGA

VOCÊ acredita em telepatia? Eu não. Mas aconteceu com coisas. Há pouco eu estava dormindo e acordei com a impressão de que alguém me chamava. Olhei, não havia ninguém. Mas a impressão era tão forte que fui até a varanda que é o único lugar de onde vejo um trecho da rua. E lá, do outro lado da esquina, estava passando justamente naquele instante uma bela vizinha. Na manhã cheia de luz, com um vestido estampado, ela andava muito bem sobre os seus saltos altos — esse jeito de andar que só as mulheres do Rio têm.

Conheço-a muito pouco, mas não resisti à tentação de lhe telefonar. Esperei uns cinco minutos o tempo que ela deveria levar para chegar ao seu edifício e subir no elevador.

Decepção: não estava.

Anda mal, o Braga — pensei. Deu para ouvir chamados e está enxergando mal à distância, êle que tinha uma vista fina, digna de um «espia» de cardume. Não conhece mais nem mulher, que dirá tainha!

Quinze minutos depois o telefone tocou: era a moça; eu deixara meu nome. Encabulado, sem saber o que dizer, perguntei se ela estava chegando em casa naquele momento. Estava. E perguntou:

— Por quê?

São os pequenos ridículos da vida; a gente inventa uma tolice e depois como se vai livrar de parecer pateta? Um homem é um homem:

— Pois eu era capaz de furar que vi você dobrando a esquina há uns vinte minutos, com um vestido estampado...

— Era eu sim, mas parei um pouco em casa de minha prima. Engracado que quando parei na esquina pensei em você.

— Pensou o quê?

— Nada. Vi a sua casa e me lembrei de seu nome. Ela pensou e eu ouvi. Não acredito em telepatia, mas acontecem coisas. Que podem não ser telepáticas, mas são pelo menos simpáticas assim pela manhã.